

VIAJAR É VERBO

Moema Rodrigues Brandão Mendes¹
Rodrigo Fialho Silva²

Quando o outro se relaciona comigo de tal maneira que o desconhecido em mim lhe responde em meu lugar, essa resposta é a amizade imemorial que não se deixa escolher, que não deixa de viver no atual (BLANCHOT, 1980, p. 20).

Recordar é fenômeno sociocultural que se fortalece por discursos e práticas que utilizam a memória como uma das fontes de sua elaboração. Tornamo-nos detentores da memória e do esquecimento, pois estes são uma das grandes preocupações do homem, enquanto indivíduo e enquanto membro de um grupo social (Le GOFF, 1983) no qual as pessoas se relacionam e a amizade se estabelece. A amizade não é uma instituição, a amizade são lugares de convivência, são redes de influência, são laços de oportunidades e de resistência que se estabelecem entre as pessoas.

Foi por causa da amizade que eu, e Rodrigo Fialho Silva, meu grande amigo, aceitamos com prazer o convite de Nícea Helena de Almeida Nogueira, outra grande amiga, professora e coordenadora do PPG/Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) para contribuir com este projeto que ganhou forma e se realizou. Agradecemos a ela, a oportunidade de falar sobre nossas relações com Verônica Lucy Coutinho Lage e o exercício desta amizade.

Parafrazeando Vicent-Buffante (1996) o que se vive com os amigos é comparável a uma evolução historiográfica que alcança seus propósitos. A amizade é atuante e foi assim minha relação com Verônica Lucy. Reencontramos-nos por meio da amiga, Nícea, então Coordenadora do PPG/Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF³ em uma banca de seleção docente. Eu e Verônica éramos membros-convidadas para avaliar os candidatos ao processo.

¹ Doutora em Letras (Crítica genética e crítica textual) pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), Pós-Doutoranda em “Memória e acervos literários” na Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), líder do GT “Arquivos literários: memória, resgate, preservação”, devidamente certificado pelo CNPq. Professora do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: moemarbrendes@gmail.com

² Doutor em História Política pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ), com Estágio Pós-Doutoral pela Universidade Federal de Juiz de Fora (ICH/PPGH/UFJF). Diretor da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG/Leopoldina/MG). E-mail: fialhosilva@gmail.com

³ Centro Universitário Academia (UniAcademia) em 2020.

Ela chegou sorridente, ao Campus Academia, cumprimentou-me em inglês, eu respondi e, na sequência, muito timidamente disse a ela que já a conhecia da época em que estudávamos no Instituto Metodista Granbery em Juiz de Fora (MG). Ela não se lembrava, claro! Eu, aluna de 8ª série, ela já em série mais adiantada. O que Verônica Lucy não sabia, entretanto, era sobre a sua importância para mim, pois ela era filha do meu Professor de Inglês, “Teacher” Coutinho como o chamávamos carinhosamente. Ele, muito querido e ela, muito importante por ser filha dele! Para nós, alunos da 8ª série, ser filha de um professor era algo da categoria do espetacular!

A descontração imperou em nosso reencontro, ela se sentiu acolhida, feliz, achou graça de minha simplicidade e ali, naquele momento, iniciamos um exercício interessante de amizade. Exercício, sim, pois, a amizade é uma prática que supõe problematizações que envolve a relação com os outros, com o próximo, com o distante e com a atividade profissional. E não faltaram problematizações!

Verônica, então, se tornou membro importante a compor bancas para avaliar as pesquisas desenvolvidas sob minha orientação no referido Programa. Ela contribuiu de forma muito singular com nossas dissertações, pois sua experiência era, por nós, respeitada, e considerávamos, significativamente, suas críticas positivas e/ou negativas em torno da pesquisa em fontes primárias das quais ela gostava muito. Sempre comprometida, emocionava-se com a atenção dos mestrandos para com suas avaliações, na maioria das vezes, definidoras de novas condutas.

Nestas relações de amizade, a descoberta do outro traz aberturas de espaços particulares e foi assim que Verônica me disponibilizou seu telefone particular, abriu-me sua residência, falou sobre seus filhos, seu marido e eu fiz o mesmo, chegando a combinar, sem cumprir, infelizmente alguns almoços e jantares. Liguei várias vezes para sua residência e fui atendida gentilmente por Paulo, seu marido, que, sempre atento recebia e trazia recados acadêmicos. Sou muito grata por isso.

Certa vez, no ano de 2015, Verônica me procurou no PPG/Mestrado em Letras do CES/JF em uma noite em final de expediente para me falar sobre a ABRALIC. Neste ano, eu já havia assumido a responsabilidade de coordenar o referido Programa, e ela me explicou sobre a importância de participar da ABRALIC, argumentando que era o evento mais importante da nossa área de Letras: linguística e literatura e me convidou para, juntas, elaborarmos uma ementa propondo um Simpósio. Fiquei extremamente lisonjeada e nos pusemos a pensar e agir para que nossa proposta fosse aprovada no tal evento.

Aprendi muito com Verônica neste momento em especial. Jamais vou esquecer a generosidade do compartilhamento de pesquisa.

Nosso Simpósio foi aprovado e passamos para a nova etapa de avaliar as propostas que foram inscritas para nosso GT - **Literatura Comparada em movimento**: novos fluxos e trânsitos – que tinha como objetivo desenvolver o olhar crítico e diferenciado do leitor por meio de práticas e possibilidades de leituras das diversas linguagens. A orientação era discutir a importância das linguagens para a construção do sujeito (BENVENISTE, 2005) e do papel da subjetividade na construção do conhecimento e o reconhecimento do papel da Literatura nesse processo (MORIN, 1996). Uma outra referência a ser feita era ao antológico texto de Michel Foucault (1970) que afirma ser a Literatura oposição. Segundo Foucault, ela tem o poder de contestar a submissão ao poder, entendendo que a Literatura não deve ser tratada como um dispositivo de poder com o mesmo estatuto de outros discursos. Ele afirma que todos os discursos são Literatura, mas que somente ela assumia seu estatuto. As pesquisas deveriam, ainda, propor releituras contemporâneas da Literatura nas mídias, uma preocupação essencial de Verônica como professora. Ela citava Todorov (2008) ao afirmar que a Literatura não tem poder de participar da formação cultural do cidadão, hoje, e, portanto, está sob ameaça. O perigo se aloca no fato de o leitor não entrar em contato com a Literatura mediante a leitura de textos literários propriamente ditos, mas por meio de leituras críticas, de teorias e de história literária, dizia Verônica, parafraseando Todorov. Por meio do diálogo firmado entre a Literatura brasileira e demais literaturas, nosso Simpósio pretendeu oportunizar a reflexão sobre os diferentes momentos em que outros sistemas literários atuaram sobre as produções literárias brasileiras. Estávamos bem satisfeitas com nossa proposta. Fomos para Belém do Pará, representar nossa participação efetiva no evento e a memória registrada e conservada por meio das fotografias que seguem constitui a legitimação destas lembranças.



Arquivo pessoal de Moema Rodrigues Brandão Mendes (2015-UFPA)



Arquivo pessoal de Moema Rodrigues Brandão Mendes (2015-UFPA).

Nas palavras de Rodrigo Fialho Silva, “Viajar é verbo”. Viver uma viagem, na terceira pessoa de sua conjugação, é aventura conjunta! Os registros de viagens são fontes documentais recheadas de “narratividade” (SOUZA, 2014, p. 95). A partir da observação do cotidiano vivido, tanto para a Literatura quanto para a História, que são capazes de arquivar lembranças sempre escolhidas de maneira subjetiva, importa recordar a amizade e admiração pela Prof.^a Verônica Lucy Coutinho Lage.

De acordo com Fredric Jameson, ao ler, devemos “restaurar para a superfície do texto a realidade reprimida e soterrada da história” (JAMESON, 1992, p. 307), porém, talvez também seja desafiador, mergulhar no tempo e como um escafandrista, trazer à tona as lembranças e registrá-las, atribuindo-lhes materialidade ao pensamento e à memória. Dessa maneira, passemos às lembranças.

Em uma manhã de julho de 2015, que deveria ser fria, mas estava brilhantemente quente, nos encontramos no restaurante de um hotel em um lugar distante daqui! Belém do Pará. Belém não é Minas, mas está no mesmo mapa de um país gigante, assim como as pessoas que compartilham do mesmo espaço e são diferentes nos “entre-lugares”, como discutido por Nilton Ponciano e Valéria Pereira (PONCIANO; PEREIRA, 2013).

Ao tomar o café da manhã no hotel belenense, surge a Professora - eu só a conhecia pelo nome e como referência acadêmica - que senta-se à mesa. Cumprimentou-nos em inglês e, bem-humorada, criticou o calor matinal daquela bela capital que emerge imponente por entre a floresta e rios; estes medonhos e que abriga centenas de mangueiras.

Estávamos em um ambiente novo, a ser descoberto. Fomos para o XIV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, na UFPA. Chegamos à capital antes e a Professora Verônica depois. Estávamos em um grupo de 5 Professores do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES/JF. Nossa semana seria intensa, com muitas atividades no Simpósio Temático 08 – Literatura Comparada em movimento: novos fluxos e trânsitos, coordenado pelas Professoras Verônica Lucy Coutinho Lage da UFJF e Moema Rodrigues Brandão Mendes, à época, coordenadora do PPG/Mestrado em Letras do CES/JF.

Ao mesmo tempo em que discutíamos a Literatura e suas fronteiras, admirávamos um campus margeado por águas doces e repletas de lendas, como uma proteção natural para o conhecimento que ali dividíamos. Da Universidade íamos frequentar a cidade e conhecer a rua, como bem registrou João do Rio, as ruas têm alma (RIO, 2013) e nós,

curiosidade! Íamos e voltávamos para o compromisso acadêmico e entremeio uma e outra apresentação, saboreávamos Belém! Sim, Belém é sabor e cheiro intensos!

Durante um dia, depois da amizade se costurar, acompanhei a Prof.^a Verônica a um passeio por Belém. Uma amizade à vista. No Mangal das Garças, passamos uma manhã, conhecemos o Parque e as fotos lá registradas, revelam um misto de humor e histórias. Verônica dizia: — Rodrigo pega esse ângulo, mas não quero aparecer na foto, somente a natureza.... Tire fotos com muitas folhas em volta — ela dizia, como se sua bondade e conhecimento, não fossem elementos da ordem do natural. Apesar das advertências em relação às suas fotos, fazia poses engraçadíssimas, fazendo-me desfocar o ângulo pelas gargalhadas por elas provocadas. Assim como o relato, as fotos também são “fontes de investigação repletas de significados e subjetividades”, como ensina Peter Burke (BURKE, 2017, p. 11), pois ao se observar uma fotografia, não se imagina, ou deve se imaginar, o quanto de vida, palavras, gestos e humores existem por trás da lente de quem a tirou e, principalmente, do foco retratado.



Arquivo pessoal de Rodrigo Fialho Silva (UFPA-2015).



Arquivo pessoal de Rodrigo Fialho Silva (UFPA-2015).

Foram inúmeras fotos e poses, risadas então! Ela cismou de ver Belém do alto e foi ao topo do observatório, de onde acenava feliz! Foi nesta mesma torre que dias antes ficamos presos (eu, Moema, Maria Andréia, Juliana e Édimo) no elevador por mais de 20 minutos em um calor escaldante, mas Verônica ainda não havia chegado e não estava conosco nessa aventura agonizante. Eu a avisei do acontecido, mas, destemidamente, ela subiu.

Andamos o Parque todo, observamos as garças, borboletas e peças indígenas expostas em um memorial, o que lhe chamou muita atenção, pelas cores e formas dos artesanatos em tecido, madeira e barro. Presenteou-me com um amuleto que guardo como relíquia. Comentou que era pouco! Queria mesmo ir até a ilha de Marajó.

Comentei, então, que se aproximaria ainda mais da quentura da linha do Equador, mas ela insistia: não perco por nada, tem muita água e me refresco! Buscou informações, se organizou e foi...! Verônica saiu de madrugada em um barco de turistas e passou o dia na ilha. Enquanto se deslocava pelo rio, parecia não existir continente, só a imensidão de água, o que lhe deixou apreensiva, contou.

Saboreou a comida típica, conheceu uma vila, comprou artesanato e, corajosamente, até andou de búfalo. Eu queria ter visto a cena, mas não pude acompanhá-la no dia. As histórias que ela contava eram incríveis. Voltou satisfeita do passeio, mas reclamando do preço altíssimo que se cobrava por tudo. Mesmo assim, levaria essa aventura em sua memória.

Tivemos tempo para conversar muito sobre Literatura, sobre História e sobre livros, vários autores e, inclusive, combinamos de organizar um livro juntos, infelizmente, ideia abortada antes de se materializar, por forças da vida, pois viver também é verbo!

Referências

BLANCHOT, Maurice. *L'Écriture du desastre*. Paris:Gallimard, 1980.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade de linguagem. In: *Problemas da linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Unesp, 2017.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. *Aula inaugural no Collège de France em 2 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: ROMANO, R. (dir.). *Enciclopédia Einaudi*, v. 1, p11-50, Lisboa: Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1983. p. 13.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PONCIANO, Nilton; PEREIRA, Valéria (orgs). *Entre-lugares: diálogos pertinentes, sociedades amazônicas e outras realidades contemporâneas*. Coari: IF-Amazonas, 2013.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *História e literatura: trajetória, fundamentos, problemas*. São Paulo. É Realizações, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. São Paulo: DIFEL, 2008.

VICCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*.